



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

**MODOS DE TRSMISSÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA
XOKLENG/LAKLÃNÕ NO CONTEXTO FAMILIAR E NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Margarete Vaicome Patte Padilha

Florianópolis, 2020.

Margarete Vaicome Patte Padilha

MODOS DE TRASMISSÃO, ENSINO E APREDIZAGEM DA LÍNGUA
XOKLENG/LAKLÃNÕ NO CONTEXTO FAMILIAR E NO AMBIENTE ESCOLAR

Artigo apresentado para obtenção de grau do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Terminalidade Artes e Linguagens, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Licenciada, sob orientação da Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira.

Florianópolis, 2020.

Margarete Vaicome Patte Padilha

MODOS DE TRANSMISSÃO, ENSINO E APREDIZAGEM DA LÍNGUA
XOKLENG/LAKLÃNÕ NO CONTEXTO FAMILIAR E NO AMBIENTE ESCOLAR

Este Artigo de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciada” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural
Indígena do sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Silvia Maria de Oliveira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Marcia Gojten Nascimento
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Maria Dorothea Post Darella
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 08 horas, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador Silvia M. de Oliveira Presidente, Professor Marcia Gojten Nascimento Membro da Banca, e Professor, M. Dorothea P. Darella Membro da Banca, designados pela Portaria nº 367/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Margarete Patte Padilha subordinado ao título: Modos de transmissão, ensino e aprendizagem da língua Xokleng/Laklãnô no contexto familiar e no ambiente escolar.
Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Marcia Nascimento, a nota final 8,5, do Professor M. Dorothea Post Darella, a nota final 8,5, e do Professor Silvia Maria de Oliveira, a nota final 8,5, sendo aprovado com a nota final 8,5.
O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Silvia M. de Oliveira

Prof. M. Dorothea Post Darella

Prof. Marcia Nascimento

Candidato Margarete P. Patte



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Margarete Patté Padilha, matrícula n.º 1616105941, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Modos de transmissão, ensino e aprendizagem da língua Xokleng/Laklânõ no contexto familiar e no ambiente escolar, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Orientador(a)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Padilha, Margarete Vaicome Patte
MODOS DE TRANSMISSÃO, ENSINO E APREDIZAGEM DA LÍNGUA
XOKLENG/LAKLÂNÔ NO CONTEXTO FAMILIAR E NO AMBIENTE ESCOLAR
/ Margarete Vaicome Patte Padilha ; orientador, Silvia
Maria de Oliveira, 2020.
20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Aprendizagem. 3. Língua materna. 4.
Xokleng/Laklânô. I. de Oliveira, Silvia Maria. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

MODOS DE TRANSMISSÃO, ENSINO E APREDIZAGEM DA LÍNGUA XOKLENG/LAKLÃNÕ NO CONTEXTO FAMILIAR E NO AMBIENTE ESCOLAR

Margarete Vaicome Patte Padilha

Resumo

Nesse estudo, buscaremos saber mais e discorrer sobre os modos de aprendizagem da língua xokleng/laklãnõ. Desde o processo de “pacificação”, também chamado de “silenciamento”, o uso dessa língua indígena vem diminuindo, uma vez que as famílias estão perdendo o hábito de falar com os seus filhos, por vários fatores, especialmente, o contato com a cultura envolvente. Os nossos mais velhos contam que chegou a ser proibido falar na língua materna xokleng/laklãnõ. Atualmente, o ensino da língua indígena parece ter recaído sob a responsabilidade da escola. Por esse motivo, nesse estudo, buscamos descrever, a partir de conversas junto aos mais velhos e professores, as formas de transmissão da língua xokleng para as crianças no contexto familiar e, posteriormente, as formas de transmissão da língua no espaço escolar. O estudo acontece junto ao povo Xokleng/Laklãnõ, que vive na Terra Indígena Laklãnõ, localizada no município de José Boiteux, na região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Palavras-chave: Aprendizagem. Língua materna. Xokleng/Laklãnõ.

Vãnhlâl ju tin

Enh txõ jopalag jó bág ki tavin te ku nu tó ké, agve ti tõe vãmkávãm mu.
Like ti jé, jug óg vanh kal ha ka, óg tó ké zun óg ve ti ki ve ké ke mu.
Ku aglél te óg tó ké he klã te óg blé ag ve ki ve te to vanh mu,
Like ti jé zun te óg ag bag klón ke mu, ku na tó ké óg jógze hali ké ke mu.
Jug te óg mõ kélo jaggãl te óg tõe e ve te ki ve ban kó mãn mu.
Hun tó te li tó ké, jopalag jó há pig ku óg ki hajve te ki óg jopalag ké ke um,
Ku nu vaha tó ké, hun ti óg blé tõe ve ku na, jel óg jug óg mõ me há klá te óg
Jopalag ló, ku na me hag blé vãn ku na jopalag jó te ki na óg jopalag te.
Xokleng/Laklãnõ óg blé enh txõ ag tõe ag ve te tõe vanh te tõe ve jó vã,
Ag jó ba tõe José Boiteux ki, Alto Vale do Itajaí ki óg nõ de, Santa Catarina ki.

Palavras-chave: hag ve ki hag tõe jel óg jopalag vã.

Pesquisa apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obter o título de Licenciada em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, sob a orientação do Professora Ma. Silvia Maria de Oliveira.

Apresentação

Sou Margarete Vaicome Patte Padilha, pertencente ao povo Xokleng/Laklãnõ e moro na aldeia Pavão. Tenho 39 anos, sou casada com Volmar Gonçalves Padilha e juntos, temos cinco filhos: quatro meninos e uma menina.

Sou falante bilíngue e professora na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, onde leciono Arte Indígena e Cultura Xokleng. Dentro dessas matérias também trabalho a língua xokleng, por isso estou segura do que vou falar.

Fui criada pela minha bisavó, que era uma senhora de idade já avançada. Quando nasci, ela disse para minha mãe biológica que eu seria a filha dela, por ser costume do povo entregar o seu primeiro filho para a avó ou para a bisavó criar.

Minha mãe não questionou e, então, tive o privilégio de ser criada por ela. No entanto, em questões escolares, tive dificuldades, pois minha bisavó Amendô Vaipão era analfabeta, levando muito tempo para me deixar estudar na escola. Após inúmeras tentativas de conversa entre minha mãe biológica e minha bisavó, e de minha própria insistência, consegui iniciar os meus estudos na primeira série já com oito anos de idade. Entretanto, em meados desse mesmo ano, aconteceu um movimento, que chamamos de greve, na localidade da Barragem Norte, em decorrência das constantes cheias que vinham acontecendo, deixando alagada toda a terra produtiva em que os indígenas faziam os seus plantios, e destruindo os rios em que pescavam para garantir a sua alimentação. Esse movimento durou três anos e durante todo esse tempo fiquei sem frequentar a escola, porque o meus pais (bisavós), não me deixaram estudar na escola dos não indígenas.

Retornei aos estudos quando já estava com onze anos de idade e, finalmente, concluí o ensino fundamental com dezoito anos, e o ensino médio aos vinte e quatro anos. Já estava atrasada na progressão escolar e me afastaria ainda mais quando engravidei do meu primeiro filho. Deixei a escola para trabalhar e poder sustentá-lo.

Após um ano, retornei à escola, porque percebi que, para conseguir um bom emprego, deveria ter estudo. Quando terminei o ensino médio, fiz o vestibular da ACAFE e passei para o curso de secretariado executivo na FURB, indo morar na cidade de Blumenau /SC. Ali, trabalhei com serviço geral em escola e comecei a me interessar e admirar o trabalho com crianças. Logo, mudei de curso para Pedagogia e o frequentei por dois anos.

Retornei para a T.I. por conta de uma enchente que alagou e destruiu, quase por completo, a casa onde eu morava em Blumenau. Transferi o meu curso para a

UNIASSELVI de Rio do Sul, porém não consegui concluí-lo, mesmo tentando reiniciá-lo por mais duas vezes, mas sem sucesso.

Nesse período, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC lançou o segundo edital da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, no qual me inscrevi e fui aprovada no vestibular, ingressando no curso em abril de 2016. Nesse mesmo ano, engravidei do meu quarto filho, e foi muito difícil continuar o curso, mas com o apoio da família, dos colegas e dos professores, continuei em frente.

Em 2017, fui aprovada no concurso público do estado de Santa Catarina, porém não assumi por ainda não possuir o meu diploma. No último ano de graduação, 2019, descobri que eu estava grávida novamente, e fiquei muito desanimada por ter um filho quase no final do curso. Estava sendo muito difícil e pensei em desistir. Mais uma vez, me amparei na família, nos colegas e nos professores. Daí, lembrei que a minha mãe e o meu pai eram analfabetos e, mesmo assim, doaram a sua própria casa para construir uma escola dentro da aldeia. Isso me deu forças para seguir em frente, chegando aqui, para apresentar a minha pesquisa final.

Introdução

A Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ está localizada em quatro municípios: José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis, no Vale do Itajaí, mais conhecido como vale europeu, no interior de Santa Catarina. Está dividida em oito aldeias. Antes da construção da Barragem Norte, havia apenas uma comunidade, que foi se dividindo conforme a necessidade, para se proteger dos alagamentos nas épocas de cheia.

Na aldeia Sede ficavam a escola, a enfermaria e o escritório do chefe de posto, que fazia a transmissão e a comunicação via rádio com a capital. A aldeia Sede foi a primeira da Terra Indígena. Em seguida foram criadas as aldeias: Bugio, Figueira, Toldo, Pavão, Palmeirinha, Coqueiro e, recentemente, a aldeia Plipatól. Estas aldeias mantêm sua liderança, sendo que os caciques são eleitos. Cada aldeia elege o seu cacique regional, que organiza a sua liderança de acordo com a necessidade. Há também o cacique geral que representa todas as aldeias.

A Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ é composta por, aproximadamente, 3.000 mil habitantes. Neste território, há quatro escolas, sendo três escolas Xokleng e uma Guarani.

Duas dessas escolas atendem alunos do pré-escolar ao ensino médio, e as outras duas, do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental.

Esse estudo nasce da minha preocupação, enquanto indígena, em relação à perda gradativa da língua xokleng na Terra Indígena, até mesmo na minha família. Fico o tempo todo me culpando por estar perdendo o costume de falar no meu idioma com os meus filhos. A partir do momento em que a minha mãe de criação (minha bisavó) faleceu, perdi o hábito de falar com a família. Felizmente, continuei conversando em xokleng com outras pessoas na rua, embora quase nunca em casa. Talvez por meu esposo não ser indígena, isso também deve ter dificultado esse tipo de comunicação. De todo modo, desde que iniciei o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, passei a falar mais a língua Xokleng, em casa, com os meus filhos.

A proposta desse estudo é entender e descrever as formas de transmissão, ensino e aprendizagem da língua materna xokleng, tanto no contexto da família quanto no contexto escolar. Isso, a partir da narrativa de seis mais velhos e quatro professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ.

É comum afirmar que o povo Xokleng/Laklãnõ, devido ao contato com o homem branco e à imposição da língua portuguesa, acabou deixando de lado os ensinamentos dos seus avós, principalmente, no que se refere à língua indígena.

Contextos e formas de transmissão da língua xokleng/laklãnõ no território e no contexto familiar

Esse estudo se deu em formato de conversas com seis sábios e anciãos da comunidade. Duas dessas entrevistas foram gravadas com o celular, e as outras, anotei no caderno. Nenhuma das visitas realizadas tiveram aviso prévio. Todas aconteceram naturalmente, como se fosse uma visita rotineira. Inclusive, eu gostaria muito de conversar com o senhor Paulo Kunhta, mas não consegui. Apesar de ter ido várias vezes procurá-lo, nunca o encontrei em casa.

Na maioria das visitas, fui acompanhada da minha família, e várias pessoas participaram da conversa. Somente na casa do senhor Edu Priprá eu fui sozinha e ele também estava sozinho em casa. Todas essas conversas aconteceram em língua xokleng.

Traduzo, abaixo, os principais tópicos tratados pelos sábios e anciões da comunidade, como, por exemplo: o modo que vivenciaram a educação no passado e como era transmitida a língua indígena xokleng no contexto familiar e escolar.

Conversa com o senhor Wili Ndili, de 72 anos, ocorrida no dia 02/12/2019. Ele é meu tio avô, casado com a irmã da minha avó, e morador da Aldeia Plipatól.

Relata que: *antigamente, nós tínhamos uma vida boa, pois todos viviam em harmonia, os barracos ou acampamento eram um do lado do outro, quando caçavam e pescavam, se dividiam, e, ali, conversávamos entre nós no idioma. Ninguém falava o português, porque não tinha brancos entre nós, e era muito fácil ensinar os nossos filhos a falar no idioma, pois vivíamos e nos casávamos entre nós. De um tempo pra cá, os índios e as índias começaram a se casar com branco. Começaram, então, as misturas, e veio se perdendo gradativamente o costume de falar na língua materna.*

Afirma que a Barragem Norte é como uma grande arma que ajudou a acabar parcialmente com a língua xokleng na T.I.: *a partir dali, as índias começaram a se interessar em se casar com os brancos e adquirir então o hábito de falar no português com os seus filhos. Hoje, vocês, digo, os professores, estão fazendo de tudo para reverter essa situação, mas vou falar a verdade, não vão conseguir reverter isso, porque o português é muito forte entre nós. É na igreja, na escola, na televisão, isso está em todo lugar, não tem como fugir, e outra, há muitas misturas entre nós, isso é mais um ponto que temos contra a nossa luta de revitalizar o nosso idioma.*

Seu Willi deixa explícita a sua preocupação em relação à perda da língua materna xokleng. Chamou-me a atenção dizendo: *ocê é prova de que, antigamente, era mais fácil de aprender a falar na língua materna, parece que os pais tinham mais interesse de ensinar. Também quando as crianças se juntavam para brincar, ficavam se comunicando em Xokleng. Hoje, os pais perderam o interesse de ensinar os seus filhos, deixando toda essa função para a escola, que está fazendo de tudo para revitalizar, mas não está dando conta, porque tudo que nos rodeia é em português, por isso é que falo que está acabando a nossa cultura e a nossa língua .*

Conversa com o senhor Edu Priprá, de 73 anos, realizada no dia 04/12/2017. Ele é casado com a sobrinha da minha avó e morador da Aldeia Plipantól.

Quando cheguei em sua casa, ele logo percebeu que eu queria alguma coisa e me perguntou. Então, respondi que queria entrevistá-lo para o meu trabalho da faculdade. Ele disse: *vou ajudar no que estiver ao meu alcance, mas sempre que precisar, volta, aqui, que vou ajudar na sua formação.*

Deixei-o se apresentar: *Eu sou Edu Priprá, nasci na Terra indígena Laklãñõ, antiga Duque de Caxias, tenho 73 anos e nasci no ano de 1948. Moro atualmente na aldeia Plipatól e sou casado com Isa Coctá Priprá. Tivemos 12 filhos, sendo 10 vivos e 2 falecidos. A minha função hoje na aldeia é de líder nato em tudo, até mesmo na religião.*

Relatou sobre a época em que ia para a escola, que funcionava da seguinte forma: *da 1º série fraca até a 6º série. Eu mesmo estudei até a 1º série forte, a escola era multisseriada e tinha apenas um professor que atendia a mim e mais 72 alunos em sala de aula, em 10 turmas e, ali, se concluíam os estudos.*

Perguntei, então, se ele se lembrava do nome do professor. Respondeu com orgulho: *sim, lembro sim, era o senhor Lino Nunc-fooro, o primeiro professor indígena.* Relembrou com nostalgia, em sua fala e em seu olhar: *o meu professor era a pessoa mais inteligente que conheci.*

Indaguei se naquela época era comum se comunicar na escola e na sala de aula na língua xokleng, e ele respondeu: *sim, mas também em português. Isso era só uma estratégia para se defender do homem branco que chegou ali impondo tudo e toda cada criança tinha a sua educação doméstica, onde os meninos aprendiam com o seus pais, a caçar e pescar, e as meninas, com as suas mães.*

A partir de 1980, viu-se a necessidade de uma educação diferenciada e bilíngue, e comentou que hoje se fala muito de educação diferenciada no papel, sem nenhuma prática, e diz: *porque a meu ver, quando se fala de educação diferenciada, não é estar em sala de aula escrevendo em um quadro para os alunos copiarem, e sim levar a campo, para acampar no mato, na beira do rio, porque não se faz educação diferenciada entre quatro paredes, desse jeito, não vão aprender nada diferente, somente algumas palavras na língua xokleng, e a cultura, os costumes onde ficam?*

Ao finalizar a conversa, ele ainda lembrou um aspecto de sua vida escolar: *no final do ano letivo, o professor fazia um exame para testar os nossos conhecimentos. Hoje, vocês chamam de prova, mas para nós era exame. O professor recolhia todos os cadernos e livros para realizar o exame.*

Conversa com a anciã Neli Ndili, de 74 anos, realizada no dia 08/05/2018. Ela é minha avó, mãe da minha mãe biológica, e moradora da Aldeia Sede.

Dona Neli é casada com Marcos Brasil Simas (este senhor é um indígena que usa sobrenome de branco) e teve nove filhos, dos quais, sete são vivos e dois falecidos. A senhora Neli é minha avó. Para mim, se tornou muito fácil e prático fazer a pesquisa com ela, pois a visito frequentemente e temos um bom diálogo. Ao chegar, neste dia, entre vários assuntos, disse a ela que precisava de uma entrevista para realizar o meu trabalho da faculdade. Imediatamente, se propôs a ajudar para a minha formação.

Logo, perguntei como era a escola na sua infância, e então, ela começou a relatar: *A escola era perto da igreja e eu vinha lá de cima do Dêniqwe [localidade de Vitor Meireles]. Nós íamos a pé para a escola, andávamos, no mínimo, 12 quilômetros e não tinha estrada, apenas um carreiro por onde passávamos para chegar até a escola. Não sei por que nossos pais nos deixavam vir pelo meio do mato, parecia até que não tinham interesse de roçar o carreiro onde seus filhos passavam para chegar até a escola. Nós saíamos de nossas casas bem cedo, o capim do carreiro molhava todas as nossas roupas, quando chegávamos perto da escola, o menino mais velho da turma fazia uma fogueira para enxugar as nossas roupas antes de entrar na sala, e todos ficávamos com a roupa cheirando fumaça.*

Relata ainda: *os do primeiro ano não usavam caderno para escrever, apenas uma lousa, para treinar a escrita até ter firmeza no pulso [coordenação motora]. O nosso professor fazia questão de nos ensinar a ler e escrever.*

Dando continuidade às suas memórias: *Na época de enchente, nós atravessávamos o rio com uma canoa bem pequena, cheia de furos, que enchia de água dentro, e nós tentávamos tirar com a mão, mas não adiantava de nada. Ela acabava afundando no rio e todos se molhavam novamente. Outra vez, os meninos maiores acendiam a fogueira para enxugar as nossas roupas, para depois entrarmos na sala de aula.*

Com sorriso nos lábios e no olhar, relembra da hora do lanche: *Na hora do recreio, todos os alunos desciam o carreiro para apanhar laranjas e tangerinas, e isso era o nosso lanche, pois não havia merenda na escola. Tínhamos que trazer de casa, e como havia pouco, trazíamos batata assada, mandioca, polenta, milho etc.*

Conta que já havia diversidade de alunos na escola, como os descendentes de quilombola, mais conhecidos como cafuzos, que moravam por perto e frequentavam a mesma escola. Traziam suas merendas e, ali, entre os colegas, nós fazíamos troca de lanche.

Perguntei se o professor impedia os alunos indígenas do uso da língua materna Xokleng: *o professor não se importava com a fala praticada na sala de aula, mas as aulas eram só em português. As crianças não se interessavam em praticar a confecção do artesanato, e os seus pais faziam um desafio para incentivar essa prática. O desafio era que o filho que fizesse mais artesanato, iria ganhar um passarinho de presente para a sua refeição.* Ela sorri quando conta isso.

Conta que o professor incentivava os alunos na escola para o plantio de batata. Isso era para a merenda e eles aprendiam a trabalhar na escola. Relembra que: *estudar foi muito difícil para mim, pois não sabia falar o português e a nossa comunicação na escola era a língua materna xokleng. Aprendi a ler depois de grande, quando comecei a falar o português. Tinha uns pastores que entraram aqui na terra indígena e falavam o tempo todo em português, por isso acabei aprendendo. Lembro que quando nós saíamos da escola, o professor sempre repetia uma frase que dizia assim: Saindo da escola, o que é para fazer? E cada aluno repetia sempre a mesma frase em coral: “Saindo da escola, vai direitinho para a sua casa sem parar no caminho para conversar. Encontrando cães, devemos os cumprimentar, bom dia ou boa tarde, mesmo que não respondam, nós devemos os cumprimentar”. E, como éramos crianças, obedecíamos. Quando o professor falava isso, tínhamos muita vontade de rir, mas ele batia a régua de madeira na mesa e exigia silêncio, e todos paravam de rir. Repetia a mesma frase: quando encontrarem os mais velhos, devem os cumprimentar, até mesmo os cães. Tinha que respeitar todos em geral.*

Conversa com Renato Kovi Kamlem, de 53 anos, realizada no dia 05/12/2019. Ele é meu tio, irmão da minha mãe biológica, e morador da Aldeia Palmeira.

Ao chegar em sua casa, Renato diz: *talvez seja um erro nosso, nessa parte de ensinar a língua materna, pela evolução constante ao nosso redor. Falo pouco com os meus filhos no idioma, porque quando eu era criança não sabia falar o português e tive muita dificuldade na escola. Quando aprendi, era novidade para mim, por isso falava só português, e acabei ensinando os meus filhos também. Hoje, eu vejo que fiz muito mal em não ter ensinado os meus filhos no idioma. Esse erro trouxe muitas consequências, como ficarmos desinformados das nossas histórias, cerimônias, cânticos, e tudo que envolve a nossa cultura.*

Continuando a conversa, diz: *aprendi a falar no idioma com o meu avô. Dos meus irmãos, eu sou o único que fala e entende, e só agora percebi que não ensinei os meus filhos. O idioma é a nossa riqueza, mas antes eu não entendia que era valioso ensinar os filhos, por isso não ensinei e me arrependo. Vejo que nossa língua está se perdendo aos poucos. Cada vez mais, o português está prevalecendo entre os nossos jovens, e a consequência disso é a perda do nosso idioma.*

Conversa com Vanda Priprá, de 56 anos, realizada no dia 10/12/2019. Ela é uma conhecida, esposa do ex-cacique presidente da T.I, e moradora da Aldeia Palmeira.

Com um sorriso, relata: *quando me casei, no começo, morava com a minha mãe, e as minhas duas primeiras filhas nasceram ali, por isso aprenderam a falar no idioma, porque era costume na nossa família falar no idioma constantemente. Depois, fui morar com a minha sogra e lá tive os meus meninos. Na casa da minha sogra, eles já tinham o costume de falar no português, mas eu continuei falando com os meus filhos no idioma.*

Vanda recorda da sogra que incentivava os seus filhos a falarem o português, dizendo que isso iria facilitar a vida deles, e que quando fossem para a escola, teriam facilidade de ler e escrever: *mas não dei ouvidos a isso, continuei falando no idioma com eles. Ali, eu já era a minoria falando no idioma, então, eles acabaram falando no português. Todos eles entendem, mas não falam. Agora, adultos, eles se arriscam a falar apenas com as pessoas mais velhas. Eu sempre digo que não é culpa minha, dos meus filhos não falarem no idioma, porque eu tentei ensinar, mas o tempo em que estávamos vivendo é que ensinou a eles o português.*

Conversa com João Patté, de 76 anos, realizada no dia 07/01/2020. Ele é sobrinho do meu bisavô e vizinho, morador da Aldeia Kóplág.

Ao chegar à casa de seu João Patté, logo fui satisfazendo minha curiosidade em saber o porquê de seus filhos e netos não falarem na língua xokleng/laklãnõ, se ele e sua esposa são falantes dessa língua. Ele esclareceu: *Não falam porque não querem falar, sempre ensinei. Tem um ou dois que falam quando precisa, e os outros disseram que vão falar quando precisarem, se tiverem a necessidade de falar.* Sorri e diz: *Quando a água bater na bunda, vão falar na língua materna.*

No dia em que conversamos, seu João falou sobre vários assuntos, entre eles, a sua trajetória de vida desde criança. Contou, com tristeza em seu olhar: *fui criado por minha tia por parte de mãe, porque ela teve um filho que acabou falecendo. Por isso, minha mãe ficou com dó da sua irmã e me deu para ser criado por ela e por meu pai de criação que era Kaingang [Jangó] do Paraná. Com oito anos de idade, viajei com meu pai Jangó para o Paraná.* Conta que essa viagem foi a mais longa da sua vida. Saíram a pé, por vários dias, até a cidade de Itaiópolis. Lá, embarcaram no trem até Curitiba/PR, onde pernoitaram e, no dia seguinte, foram até a sede da Funai, mas o agente da Funai não os deixou prosseguir para a aldeia de Rio das Cobras.

Então, retornaram para a Terra Indígena Duque de Caxias e, passados anos, com o seu pai já bem velho, conseguiram ir novamente para o Paraná, na aldeia de seus parentes. Seu João já estava com 19 anos de idade e, lá, ele encontrou a moça que seria a sua esposa, que também era da T.I. Duque de Caxias e que havia ido com seus pais até essa aldeia em Rio das Cobras. Chegando lá, foram apresentados, começaram a namorar e se casaram. Retornaram para a Terra Indígena Laklãnõ, antiga Duque de Caxias, onde tiveram os seus filhos.

Entre os inúmeros assuntos abordados pelos sábios e anciões da comunidade, a escola na aldeia foi bastante mencionada, bem como pontos negativos e positivos do ensino de língua xokleng. Todos os entrevistados falaram que admiram a iniciativa dos professores de ensinar a língua na escola, por outro lado, fazem uma crítica construtiva, quando esse ensinamento acontece apenas entre quatro paredes. Alertam que o melhor é levar as crianças ao contato direto com a natureza, pois assim, vão aprender de verdade sobre os nossos costumes e, conseqüentemente, a língua.

Breve histórico da educação escolar na Terra Indígena Laklãnõ

Anteriormente ao contato dos Xokleng com os não indígenas, que ocorreu no dia 22 de setembro de 1914, a educação era transmitida entre as famílias, como por exemplo, os meninos eram treinados pelo seus pais para fazer a coleta e a caça, e as meninas aprendiam com suas mães a fazer o *vá le* (casa provisória) e preparar os alimentos trazidos pelos homens.

A partir dos anos de 1930, houve a necessidade de introduzir a escola dentro da comunidade, e construíram o prédio para a escola que chamariam de “Getúlio Vargas”, mas antes da construção, as aulas eram lecionadas em um galpão que, na época, chamavam de “Grupo *txi*” (grupo velho). Anos depois, foi construído outro prédio para alojar os alunos, e mudaram o nome da escola para “Duque de Caxias”.

Vendo que esta escola estava superlotada, construíram outro prédio e, neste, colocaram o nome de “Basílio Priprá”. Outra vez, tiveram que construir um novo prédio para alojar os alunos da Escola Duque de Caxias, por conta das constantes enchentes que vinham acontecendo no Rio Hercílio, que passa pelo centro da T.I. Após vários professores não indígenas lecionarem na escola, houve um professor indígena, que tinha instruções para lecionar em português, o professor Lino Nunc-Fooro.

A partir da década de 1980, viu-se a necessidade de ensinar a língua Xokleng na escola, embora o povo já não fosse mais proibido de falar no seu idioma. Só que tanto na escola quanto na comunidade, já estavam acostumados a falar em português. E isso instigou a introdução da língua indígena na escola, porém essa mudança não foi muito bem aceita pela comunidade. Anos depois, essa ideia foi amadurecendo entre as famílias, porque perceberam que todos estavam acomodados, falando somente em português. Havia famílias inclusive, que até incentivavam os seus filhos a deixar de falar na língua, e isso começou a preocupar a liderança, que buscou meios para a inclusão da língua Xokleng na escola.

Nesse meio tempo, foram sendo construídas outras escolas dentro da comunidade, conforme a necessidade foi surgindo, pois as aldeias começaram a ficar distantes umas das outras, por conta da construção da Barragem Norte.

No início, as escolas eram multisseriadas, de 1ª à 4ª série em uma sala só, havendo de uma a duas escolas em cada aldeia, totalizando o número de sete em toda a Terra Indígena. Essas escolas foram construídas na seguinte sequência: Duque de Caxias, Basílio Priprá, Vanhecú Patté, Jangón Priprá, Cóvi Patté, Voia Criri e Congroi Nerechim. Todas elas receberam a denominação de escola isolada.

No entanto, essas escolas começaram a ficar superlotadas, porque os pais das crianças passaram a ter confiança nos professores. Talvez por serem da sua própria cultura, as crianças que estavam em casa voltaram para a escola.

Depois da inclusão da língua materna na escola, as lideranças fizeram um projeto explicitando a necessidade de construir uma escola de educação básica dentro da aldeia, pois os alunos que quisessem dar continuidade aos estudos, precisavam estudar em escola não indígena fora da aldeia, o que era bem difícil, por sofrerem discriminação constantemente.

Com uma grande escola, seria necessário ter professores indígenas capacitados para trabalharem nela. Assim, mais uma vez, os caciques reivindicaram e conseguiram uma formação que capacitaria professores para lecionarem aulas na língua Xokleng. Em julho de 1998, iniciou o curso de Magistério Bilíngue, oferecido pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina – SED-SC.

Desde então, podemos dizer que as coisas começam a melhorar na educação escolar indígena, pois cada escola tinha o seu professor bilíngue. Novamente, as escolas começaram a ficar superlotadas e isso foi mais um ponto a favor para o projeto de escola de educação básica na comunidade. Outro ponto, foram os vários conflitos e intimidações que os alunos indígenas enfrentavam nas escolas não indígenas, isso acabou dando mais força para a construção da Escola indígena de Educação Básica Laklãnõ.

A partir do ano 2000, começou a construção da Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, que foi parcialmente concluída em 2004, dando início a uma nova fase da educação escolar indígena. Esta escola alocou alunos de seis aldeias e funcionou perfeitamente até 2012, mas por falta de manutenção, foi interditada pela defesa civil. Como não havia onde alocar tantos alunos, os pais acharam por bem continuar ali até resolver a situação. A reforma da escola foi adiada por várias vezes e, em 2014, o quadro se agravou muito, com várias rachaduras no prédio da escola. Então, pais, alunos e

professores fizeram um manifesto para chamar a atenção do governo do estado de Santa Catarina.

Assim, a Secretaria de Estado da Educação resolveu colocar os alunos indígenas na E.E.B José Clemente Pereira, mas os pais desses alunos se recusaram a deixar os seus filhos frequentar essa escola, porque tinham receio de que sofreriam preconceito. Eles fizeram então um documento propondo a troca com os alunos da EEF Professor João Bonelli, da comunidade Barra do Rio Dollmann. Assim, todos os alunos e professores da Escola Indígena Laklãnõ foram alocados nesse prédio por um curto período até resolver a situação. No entanto, isso foi se prolongando e já se passaram cinco anos, e os alunos indígenas ainda permanecem estudando no prédio emprestado. Em 2018, a pedido do Ministério Público, a Escola Prof. João Bonelli, sendo nessa ocasião a EIEB Laklãnõ, ganhou uma reforma geral para o bem estar dos alunos.

A Escola Laklãnõ tem sua grade curricular diferenciada, com aulas de língua xokleng e de artes xokleng. Também conta com profissionais que desempenham a função de orientador da língua e de orientador da cultura.

No entanto, mesmo tendo todo esse recurso e liberdade de ensinar a língua e a cultura, os professores não possuem o hábito de se comunicar em língua indígena nos corredores da escola, nem entre si, tampouco com os alunos.

No ano de 2011, iniciou a primeira turma do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, onde alguns professores puderam buscar formação para poder contribuir com o ensino da língua. Isso também vem dando força para revitalizar a língua xokleng/laklãnõ.

Ainda a partir de setembro de 2015, o programa Ação Saberes Indígenas na Escola, em parceria com a UFSC e com a SED-SC, trouxe mais força e o apoio necessário para os projetos de revitalização da língua e da cultura, com ações de formação continuada para os professores e a proposição de oficinas e de encontros reunindo professores, alunos, pais, lideranças e anciões, como também a elaboração e a publicação de material pedagógico com o envolvimento de todos participantes. Esse apoio foi essencial para os professores que já vinham trabalhando a cultura na escola de forma anônima, pois não eram reconhecidos pela comunidade e nem tinham a colaboração dos mais velhos. Com a Ação Saberes Indígenas na Escola, houve o entendimento e a clareza

que os conhecimentos tradicionais estavam se perdendo e todos se mobilizaram para ajudar os professores no ensino da cultura.

Figura 1 - Aula prática de Artes Indígenas para o 6.º, 7.º e 8.º anos do ensino fundamental da EIEB Laklãnõ



Fonte: fotos de Margarete Patte Padilha (2019).

Ensino de língua xokleng nos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Laklãnõ

Registro, abaixo, depoimentos, concedidos a mim, de alguns professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ. As conversas aconteceram na própria escola. Pedi licença e entrei na sala de cada professor, para conversar com cada um deles individualmente, e fiz anotações no caderno para não esquecer de nenhum detalhe. Essas conversas aconteceram no dia 28/11/2019, e apenas o professor Abraão Paté entregou o seu depoimento por escrito.

Depoimento da professora Solange Patté, moradora da Aldeia Palmeira:

Leciono para o 1º ano I dos anos iniciais. Trabalho mais a oralidade da língua Xokleng com os alunos em sala de aula, pois essa é uma turma que possui aprendizado um pouco lento, mas tento trabalhar as duas línguas quando consigo. Há alunos que chegam à escola sem noção nenhuma da língua xokleng, porém faço o que está a meu alcance para reverter esse quadro. Mas é muito difícil trabalhar, principalmente, quando não temos os pais desses alunos do nosso lado, nos apoiando na parte de ensinar algumas palavras da língua xokleng em casa. Isso dificulta o aprendizado do aluno, mesmo porque temos poucos materiais de apoio. Sou mãe e quando casei o meu marido não entendia e não falava na língua materna xokleng, mesmo tendo seu pai e a sua mãe como falantes, ele fala apenas o português com os nossos filhos. Fico o tempo todo chamando a atenção dele, porque quero que eles aprendam a falar e entender, assim como eu aprendi com os meus pais, mas, sozinha, não estou dando conta, pois estou lutando contra a tecnologia que está tendo ajuda das pessoas que me rodeiam.

Depoimento da professora Adelina Patté, moradora da Aldeia Palmeira:

Leciono no 2º ano II dos anos iniciais. Uso as duas formas de ensinar: o português e o xokleng. Quando escrevo no quadro, os alunos perguntam como se fala isso na língua xokleng, e imediatamente traduzo, mesmo que seja oral. Utilizo também os materiais que nós mesmos produzimos em sala de aula. Essa é uma turma boa de trabalhar, porque eles têm mais facilidade de aprender. Chegaram, do 1º ano, com mais conhecimento em língua Xokleng. Creio que essa facilidade é por conta de que, em casa, ouvem com mais frequência o idioma. Vou lutar com todas as minhas forças para colocar um pouquinho de interesse pela língua materna xokleng, e que mais tarde esta semente germine entre as crianças, os jovens, assim talvez não vão perder o uso da nossa língua.

Depoimento do professor José Ndili, morador da Aldeia Palmeira:

Leciono no 3º ano I, trabalho mais texto no quadro com os alunos, as vogais, as consoantes, baseado no livro com minidicionário, Ag ve te kaglel mu (nossa língua reviveu) de autoria do Professor Namblá Gakran. Minha dificuldade de trabalhar é porque a maioria não fala e não entende a língua materna xokleng, então, essa é a maior dificuldade que encontro, mas tento alfabetizar eles, porque acredito que podemos

reverter esse quadro, pelo menos na escola, assim vão levar esse conhecimento como boa bagagem para a vida e frutificar no futuro.

O professor José, além de lecionar para a turma do 3º ano I, dos anos iniciais do ensino fundamental, é também o coordenador da língua materna xokleng na Escola Lakãñõ. Essa é uma função muito importante na escola, pois o coordenador é a pessoa que ajuda o professor de língua xokleng a organizar o seu planejamento, que será aplicado em sala de aula, e ajuda também a pensar os projetos anuais que acontecem na escola.

Depoimento do professor Abraão Paté, morador da Aldeia Palmeira:

O ensino da língua materna xokleng não está ocorrendo como deveria ser, claro que o professor tem formação para lecionar, e alfabetizar sem nenhum problema, porém isso não acontece. No meu ponto de vista, isso ocorre devido a dois fatores:

- 1. Os professores ganharam títulos de graduação, porém não tiveram aulas suficientes nas disciplinas de artes diferenciadas (artes indígenas) e na língua materna xokleng. Com essas ocorrências não vai ter um trabalho diferenciado para o fortalecimento da língua materna e do ensino da produção (confeccionar) de artesanatos indígenas.*
- 2. Outro problema que vejo é a falta de interesse dos professores buscar, pesquisar e se aperfeiçoar na parte da língua materna e nas artes indígenas, para levar para a sala de aula, para ensinar os alunos.*

Quando levanto essas duas observações é porque esses problemas precisam acabar. Assim, finalmente, vamos ter uma escola diferenciada, intercultural e bilíngue.

O currículo diferenciado na Escola Indígena de Educação Básica Laklãñõ

Na grade curricular da escola, há três aulas semanais de língua xokleng do 6º ano do ensino fundamental ao ensino médio, e duas aulas de artes indígenas, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, e uma aula no ensino médio. A escola possui dois professores orientadores da língua materna xokleng e dois orientadores da cultura, cada um com vinte horas, para melhor atender, respectivamente, os professores de língua materna e de artes. Essa foi uma forma criada para reforçar o resgate da língua e da cultura xokleng. Os

alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (do 1º ao 5º ano) são atendidos pelos professores regentes, com o apoio de um coordenador da língua.

A ampliação de estudos referentes à cultura se dá nas aulas de arte indígena, nas quais o professor prepara aulas com saídas de campo e encontros com sábios na escola, aproximando os alunos aos saberes tradicionais e à prática da língua xokleng, mesmo que seja apenas na oralidade. Estas aulas são muito bem aproveitadas pelos alunos, pois gostam de estar aprendendo coisas nova em contato com natureza, apresentando bom desempenho e boa interação fora da sala de aula.

Cabe ressaltar ainda as experiências de estágio que tivemos durante o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, desenvolvidos na Escola Laklãnõ. A partir deles, percebi que as crianças, os adolescentes e os jovens estão de mente aberta e disponíveis para aprender e praticar a língua xokleng. Pelos relatos dos meus colegas e pela minha própria vivência, constatei que todos nós desenvolvemos projetos interdisciplinares totalmente voltados para a língua e para a cultura.

Os alunos, de todas as idades, gostaram de participar dos projetos aplicados em sala de aula durante os estágios. Essa experiência foi muito importante para todos nós, porque, ali, pudemos ver que nem tudo está perdido, e os nossos esforços não serão em vão. Como professores da escola, podemos nos empenhar e realizar vários projetos, envolvendo alunos e pais, que terão a oportunidade de conhecer mais sobre a cultura e, conseqüentemente, aprender mais e praticar a língua.

Considerações finais

Com base nas minhas pesquisas, percebi que, em pouco tempo, a língua e a cultura xokleng poderão diminuir e talvez serem extintas, se não tomarmos cuidado em revitalizá-las. Por meio de incentivos às crianças e aos jovens nas escolas e na comunidade, o povo poderá valorizar os seus bens mais preciosos, que são: a língua materna, a cultura e a espiritualidade.

Mesmo com a carga horaria bem apertada e toda a burocracia imposta pelo sistema escolar, podemos nos organizar para trabalhar mais a cultura. Criando-se estratégias, com estímulos partindo da escola, uma vez que essa instituição é vista como referência na

Terra Indígena e está sendo ocupada no lugar dos rios e das matas, que outrora foram tomadas; e trazendo os anciões para compartilhar de seus saberes, os pais terão uma alerta de que ainda há tempo, e verão que a cultura xokleng é rica, está viva e pode se manter ainda em suas aldeias.